



INSTITUTO
VOX

DE PESQUISA EM
PSICANÁLISE

MULHERES | POLITICA | PSICOSE

O que é escutar vozes?

www.voxinstituto.com.br

O que é escutar vozes?¹

Jean Michel Vives

A invasão do paciente alucinado pelas suas vozes o confronta à dolorosa experiência de ser atravessado pela voz e pelo discurso do Outro, sem poder de modo algum, disto se precaver. Ele se faz então porta voz do Outro se despossuindo ou não podendo aceder assim à sua própria voz e à sua própria fala. Esta posição subjetiva assinala nele a impossibilidade de poder se separar, de poder se ensurdecer em relação à voz primordial que, a partir daí, continua a persegui-lo com suas implacáveis injunções.

O autor dramático alemão Georg Buchner dá uma impressionante ilustração desta voz desencadeada das suas amarras simbólicas, quando ele faz dizer ao poeta Lenz, quando narra o naufrágio na loucura “Vocês não escutam nada, não escutam essa terrível voz que grita em volta até o horizonte e que habitualmente é chamada de silêncio?”

O psicótico seria aquele que continua a escutar esta voz uivante que emana do real, ali onde o neurótico, pela constituição do ponto surdo, conseguiria a se livrar disto e só ouviria silêncio.

O esquecimento da voz do Outro para poder nisto adquirir uma voz, se realizaria no momento em que o sujeito que está surgindo é tomando numa dinâmica onde o princípio do prazer e seu além constituem um mundo . A constituição deste mundo implique colocar de lado o recalque das sensações, de objetos, que num primeiro tempo participaram do sujeito. Um destes objetos rejeitados é o grito que o infans, num estado de aflição expulsa, não num primeiro tempo, para um apelo, mas para expulsar uma insustentável sensação de sofrimento. A voz do infans é expulsa quando a do Outro é incorporada. É este duplo movimento que permitirá compreender o ponto de contato entre neurose e psicose, levado em conta por Freud em diferentes momentos de sua obra.

Assim em 1919, no seu texto sobre o Unheimlich Freud avança: “no eu se constitui lentamente uma instância particular que pode se opor ao resto do eu, que serve à auto-observação e à autocrítica, que cumpre o trabalho da censura psíquica e se faz conhecer à nossa consciência como “consciência moral” No caso patológico do delírio de estar sendo observado, ela é isolada, separada do eu por clivagem, perceptível pelo médico.

¹ Tradução livre de Cyro Marcos da Silva.

No seu texto de 1914, Para introduzir o narcisismo, Freud já associava a instância intrapsíquica visando a auto observação com o delírio de observação. Ele notava que o delírio paranoide tinha um ponto comum com certas injunções das quais o neurótico pode sofrer. Trata-se de uma instância que “observa sem cessar o eu atual e o compara ao ideal(...) Os doentes se queixam então de que são conhecidos todos os seus pensamentos, de que são observados e vigiados em suas ações. Eles são advertidos do funcionamento soberano desta instância por vozes que lhes falam, de modo característico na terceira pessoa (“Agora ela pensa ainda nisto. Agora ele está indo embora”) 4

Nestes momentos o que o sujeito percebe é um discurso que se endereça a ele, comenta suas ações, seus pensamentos e do qual se ele pode se reconhecer como o produtor, nem por isto é menos invadido. Ele é confrontado a um estranho fenômeno de coisificação (échoifications) da sua fala, que a torna estranhamente inquietante. A dimensão de unheimlichkeit da voz estaria ligada à sua dimensão de separação e de retorno, a partir de um lugar percebido como exterior. Se o neurótico reconhece esta voz interior como lhe pertencendo, o psicótico é incapaz disto.

Do grito à fala

É a interpretação que o ambiente maternante fará do grito, que introduzirá a criança na linguagem. A partir daí, o investimento da linguagem encontra sua fonte no desejo de encontrar a presença de um signo concernente ao desejo do Outro, cuja voz é o vetor.

O que faz da voz não somente um objeto de gozo, mas o posiciona igualmente como objeto a perder, para poder tomar a palavra. Notar-se-á que certas crianças parecem ativamente recusar essa passagem. Isto poderia ser o caso, por exemplo, de certas crianças autistas.

Para que ele possa se fazer escutar, o infans deve não somente cessar de escutar a voz originária – o que o psicótico não consegue realizar, - mas ele ainda deve mais: poder invocar, quer dizer, ter por hipótese que há um Outro não surdo para escutá-lo. Não se trata mais de ser escutado, como isto se passou no momento em que o Outro primordial respondeu ao grito, nem de “escutar” como foi o caso por ocasião da resposta que o Outro deu aeste grito – ou mais primitivamente ainda no momento onde o real humano entrou em ressonância com a voz que chamou o sujeito a advir. Trata-se de se “fazer escutar”. É neste retorno da pulsão que Freud tem a hipótese que um novo sujeito poderia aparecer e, descrevendo o destino da “pulsão de olhar” em forma de retorno-

reviramento do casal pulsional “olhar/ser visto”, é com este terceiro tempo, quer dizer à procura de uma satisfação a ser olhado, que Freud emprega pela terceira vez o termo sujeito.

“a) O: olhar, enquanto atividade dirigida a um objeto estranho

b) o abandono do objeto, o retorno da pulsão de olhar sobre uma parte do próprio corpo, no mesmo tempo o reverso em passividade e colocação em lugar do novo objetivo: ser olhado:

c) a instalação de um novo sujeito ao qual se mostra para ser olhado por ele”⁷. Freud qualifica aqui o Outro da pulsão como novo sujeito. Qual é então esta diferença qualitativa que Freud distingue nesta novidade? Digamos que este “novo sujeito” é aquele que o sujeito-em-advir supõe e, que para além, ele constitui, quer dizer um Outro não surdo mais nem por isto “pan-fônico” Como permitir a estas vozes que elas fiquem no lugar delas?

A música, lugar-tenente da voz

Desde a antiguidade grega a música se encontra regularmente convocada no seio dos dispositivos tradicionais, se encarregando das perturbações dos sujeitos delirantes. Isto se encontra também nas práticas dos gnawas no Marrocos assim como nos rituais vuus no Hiti ou no candomblé no Brasil. A experiência do clínico intervindo no campo da psicose confirma esta observação antropológica. Enquanto que a interpretação permite levantar o recalque e fazer cair o sintoma neurótico como nós sabemos desde que Freud colocou em evidência a estrutura linguageira do sintoma, ela fica o mais frequentemente impotente diante do delírio, como faz notar com pertinência Alain Didier Weill. Que a música, utilizada em certas condições, permita remeter ao lugar as vozes invasoras questiona: quais são as “qualidades” do dispositivo que convoca a música do qual não dispõem aquele utilizando a fala e que permitiriam ao sujeito em ruptura com o pacto simbólico de nodulá-lo novamente, mesmo que seja momentaneamente?

A hipótese que eu sustento é que a música é um doma-voz, assim como o quadro é, segundo Lacan, um doma-olhar. A música que articula as dimensões real, simbólica e imaginária seria o que permite, tomada numa relação transferencial, de “domar” as vozes reais alucinadas, não para fazê-las desaparecer, mas para lhes oferecer um “lugar-tenente”

Este lugar tenente é para ser entendido como lugar onde a voz poderia ser sustentada. Cantamos, fazemos música para calar a voz do Outro, mas igualmente para invoca-lo. O canto,

forma estilizada do grito, participa de um gozo arcaico que ainda não recebeu o que a psicanálise denomina “castração simbólica” mas participa igualmente do desejo, nisto que a psicanálise denomina “castração simbólica, nisto que a invocação do sujeito cantando implica que este não está sem reconhecer o lugar vazio do objeto que suas vocalizações vêm, ao mesmo tempo, sublinhar e mascarar.

A música propõe um dispositivo que ao longo da vida do sujeito, lhe permitiria se aproximar dos engenhos do gozo e da perda deste gozo que presidiram seu nascimento. A atividade musical seria a comemoração inconsciente deste instante mítico em que o sujeito se viu arrancado do caos pelo encontro com a voz do Outro, permitindo-lhe adquirir, por sua vez, uma voz. Os pacientes espontaneamente tentam obter aí um recurso para “tratar” suas vozes. Assim, pode-se notar que o próprio Daniel Schreber tentou colocar no lugar um dispositivo musicoterapêutico” visando domar suas vozes, mas cujos efeitos pacificadores, por não estarem tomados numa dinâmica transferencial analisada, parecem não terem podido se inscrever psiquicamente.

“O piano e a leitura dos livros e dos jornais – na medida em que o estado da minha cabeça o permita – são os principais meios defensivos pelos quais eu chego a fazer evanescer as vozes (...) por momentos, a noite por exemplo, onde isto não é nada cômodo ou quando uma mudança de ocupação se torna uma necessidade para minha idéia, eu encontro na lembrança de poemas um feliz estratagema”

Nisto que ele aqui coloca, é interessante levar em conta três dimensões das quais ele se serve para tentar sair do desencadeamento simbólico

1- O recuso à música como espaço intermediário entre sentido sem significação (a música “fala” a cada um mesmo se ela não diz nada) e fora de sentido (a música convocando o objeto-voz propõe um gozo colocado em forma delimitada e intraduzível)

2 – O recurso à leitura como uma tentativa de encadeamento do pensamento numa significação precisa e controlada

3- O recurso à mistura dos dois pontos precedentes na utilização da lembrança de poemas aliando por aí mesmo o componente musical das rimas e os significantes precisos, ou mesmo anódinos, não se endereçando à ele.

Esses achados de Schreber apontam como este tenta ao mesmo tempo de manter à distância suas vozes, mas igualmente desse increver, diferentemente no circuito da pulsão invocante, mesmo se esta não parece poder se sustentar.

O que diferencia as invenções schreberianas dos encontros mediatizados pela música que colocamos, é que estes últimos conduzem o paciente a experimentar, pouco a pouco, através nosso desejo se exprimindo numa improvisação musical que se endereça a ele, um outro tipo de relação com o som, com a voz, que lhe permitiria pouco a pouco velar o realm invasor. Pois se a palavra é a morte da coisa, a música é a comemoração disto.

Que se trata de escutar aqui como comemoração do assassinato e da coisa, permitindo aí mesmo uma evocação e uma reevocação desta Coisa primordial, a qual o sujeito deve poder sustentar, sem no entanto aí se afundar. Com efeito, tenho a hipótese de que a música, como a voz do Outro primordial que a convidou a advir possui duas faces.

- Estruturada como uma linguagem, assim como a voz primordial é o vetor da fala, a música é subjetivante (é sua dimensão simbólica)

- Por outro lado, como objeto de gozo (é sua dimensão real) ela propõe ao paciente, como a voz primordial, contatar a Coisa.

A música apresenta portanto um dispositivo permitindo, num mesmo tempo, evocar e reevocar a Coisa. Se a música é bem, como temos a hipótese, um “doma-voz”, o dispositivo terapêutico que a utiliza proporia ao paciente, ali onde não havia antes senão zunidos, ensurdecer este barulho do real para poder se inscrever no concerto do mundo: sustentar suas vozes à distância para poder nisto, adquirir uma.

Fiat vox!